

As contribuições da Fenomenologia-Hermenêutica para pesquisas em Educação

The contributions of Hermeneutic-Phenomenology to research in Education

Kelly Cristina Costa Albuquerque^{1*}, Evelise Maria Labatut Portilho¹

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar a fenomenologia e a hermenêutica, de forma breve, a fim de suscitar estudos mais aprofundados da sua aplicabilidade nas pesquisas científicas, em especial em educação. A fenomenologia é uma teoria filosófica, criada por Husserl (1989), empregada hoje em várias ciências e referência para o estudo do conhecimento e para pesquisas científicas, enquanto fundamentação metodológica. Posteriormente, esta foi unida à hermenêutica para atender ao que Heidegger (1988) colocou como a necessidade de compreensão e não apenas de reflexão, trazendo à tona uma nova visão dos fenômenos identificados nas pesquisas. Este estudo é de natureza bibliográfica e teve como procedimentos metodológicos o levantamento dos principais escritos dos filósofos citados e de outras obras que abordavam a temática. Observou-se que a fenomenologia e a hermenêutica, mesmo que em determinados momentos divergentes, têm muito a contribuir para a produção do conhecimento, quando unidas, trazendo uma visão compreensiva dos fenômenos, atendendo integralmente às necessidades de determinados tipos de pesquisas, como as voltadas à educação.

Palavras-chave: Fenomenologia; Hermenêutica; Fenomenologia-Hermenêutica; Método de Pesquisa; Educação.

ABSTRACT

This article aims to present phenomenology and hermeneutics, briefly, in order to raise further studies of their applicability in scientific research, especially in education. Phenomenology is a philosophical theory, created by Husserl (1989), used today in various sciences and a reference for the study of knowledge and for scientific research, as a methodological foundation. Subsequently, this was joined to hermeneutics to meet what Heidegger (1988) put as the need for understanding and not just reflection, bringing to light a new vision of the phenomena identified in the research. This study is of a bibliographic nature and had as methodological procedures the survey of the main writings of the mentioned philosophers and of other works that approached the theme. It was observed that phenomenology and hermeneutics, even if at certain divergent moments, have much to contribute to the production of knowledge, when united, bringing a comprehensive view of the phenomena, fully meeting the needs of certain types of research, such as those focused on the education.

Keywords: Phenomenology; Hermeneutics; Phenomenology-Hermeneutics; Research method; Education.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR

*E-mail: kellyccalbuquerque@gmail.com

INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento não tem data ou período a ser marcado como o seu início. Desde que o homem existe no mundo e o transforma para melhor viver, este se constrói. Parece óbvio, mas quando passamos a analisar todo o processo histórico de construção do conhecimento, percebemos o quão complexo é. Das necessidades concretas do dia a dia e o fazer, das possibilidades e o mundo das ideias, do individual para o coletivo, da consciência e inconsciência, da objetividade à transcendentalidade, assim caminha a humanidade em busca do novo, do conhecimento, com diversos olhares, formas de ver e pensar, em um constante movimento.

O conhecimento está diretamente ligado à aprendizagem e faz parte da evolução humana. Envolve processo de consciência, pensamento, de interação com o meio, memória, atenção, apreensão e de mudança da realidade. O conhecimento não fará sentido se não tiver uma lógica, uma funcionalidade. Por isso Maturana e Varela (2011) dizem que "Falamos em conhecimento toda vez que observamos um comportamento efetivo (ou adequado) num contexto assinalado."

Para se compreender o conhecimento, importa lembrar que este não acontece se não existir o homem, pois faz parte da natureza humana a aprendizagem, a linguagem, os pensamentos, ou seja, os processos cognitivos que levam à consciência, razão e criticidade. E ainda a cultura responsável pela perpetuação. E para a compreensão de todos os fenômenos que compõem o conhecimento, tem-se a fenomenologia-hermenêutica.

Assim, este estudo apresentará uma revisão bibliográfica da fenomenologia e suas contribuições para a produção de conhecimento, trazendo seu percurso histórico e metodológico, assim como seu alicerce metodológico, por meio das teorias de Husserl (2002, 2006 e 1989) e Heidegger (1988), dois grandes estudiosos da fenomenologia e da hermenêutica como métodos de pesquisa.

FENOMENOLOGIA: UM RETORNO ÀS COISAS MESMAS

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Edmund Husserl (1859 – 1938), nasceu na República Tcheca, foi um estudioso que se dedicou, dentre outras áreas do conhecimento, à lógica e à matemática, à epistemologia e à filosofia e deixou um grande legado para a humanidade no campo da fenomenologia como método e visão de mundo. No séc. XIX, contrário ao pensamento vigente da ciência positivista, da filosofia e da própria psicologia como provável explicação para a teoria do conhecimento, criou a escola da fenomenologia, tendo como influenciadores pensadores como Descartes, Kant, Brentano e Stumpf.

A influência da Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) foi tamanha que hoje se tornou difícil avaliá-la em toda a sua extensão e profundidade. A recepção de sua obra começou pouco antes da Primeira Guerra Mundial e teve certo apogeu na década de 1920. Nessa época surgiram Escolas que desenvolveram alguns aspectos de sua concepção, como é o caso da ontologia existencial de Martin Heidegger e a ética dos valores de Max Scheler. (ZILLES, 2007, p.216).

As teorias de Husserl no campo da fenomenologia se tornaram referência para o estudo do conhecimento, para pesquisas e mesmo para outras ciências que se apropriaram da fenomenologia como método, pois tamanha é a sua profundidade e legitimidade ao compreender o homem e a coisa, assim como a relação destes. O objetivo de Husserl em relação à fenomenologia era tornar a ciência rigorosa e genérica. No entanto, suas contribuições vão além, a fenomenologia traz uma nova visão de mundo, onde fatos e fenômenos se distinguem, mas não se dissociam, onde o observador experimenta a transcendentalidade existente apenas para os seres humanos, ao tempo em que busca a subjetividade das coisas do mundo.

Para a ciência,

A fenomenologia é um **método**, o que significa dizer que ela é o “caminho” da crítica do conhecimento universal das essências. Assim, para Husserl, a fenomenologia é o “caminho” (método) que tem por “meta” a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências. (GALEFFI, 2000).

Zilles complementa essa definição afirmando que,

A fenomenologia é conhecimento das estruturas essenciais da vida transcendental como sendo o devir heraclítico. Nesse sentido, fenomenologia é experiência transcendental que visa a experiência absoluta. Por isso Husserl considera-a acabamento do racionalismo do qual o racionalismo histórico não passa de pálida pré-forma. (2007, p.221).

Para se chegar à verdade, à essência, ao não dito, à consciência de si, a fenomenologia de Husserl propõe a chamada redução fenomenológica. Neste método, o mundo e tudo ao seu redor são postos em suspenso para que as pré-concepções, conhecimentos já existentes, não venham a influenciar os sentidos em relação ao fenômeno observado. Assim, a redução fenomenológica requer a suspensão “a priori”. Uma aproximação da neutralidade inatingível, mas que é buscada constantemente, é o que Husserl (1989) chamou depois de “fenomenologia pura”, também apresentada pelo filósofo em sua obra “Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura” (2006).

Ainda sobre o método da redução fenomenológica, Zilles (2007, p. 218), faz uma leitura de Husserl e expõe:

Para entender essas funções até sua dimensão de profundidade em sua abrangência, necessita-se do método da redução fenomenológica. A redução fenomenológica, conceito fundamental na fenomenologia de Husserl, tem o sentido de tematizar a consciência pura. Começa com a colocação entre parênteses do mundo. Prossegue na redução eidética, termo usado para o procedimento metódico que leva à visão da essência. A meta da redução eidética é a compreensão do *a priori* como eidos (essência). O pressuposto é que a já existente oposição entre sujeito e objeto é superada para voltar-se à análise dos dados constituintes na consciência que é “consciência de...”, pondo-se o mundo com seus objetos ao eu (consciência). A consciência é intencionalidade significa: dirige-se para, visa alguma coisa. Toda consciência é *consciência de*. (ZILLES, 2007, p.218).

Por meio da redução fenomenológica, será possível se chegar à essência das coisas. A consciência chega à essência para compreender verdadeiramente o fenômeno ali expresso, pela intencionalidade, em um processo de conscientização. Tornar-se consciente de algo, é o sentido desse método.

Para Husserl, a fenomenologia é uma teoria que aproxima o pesquisador da verdade, o ser humano da essência, um método que por si só se basta, nascido em oposição

ao naturalismo da filosofia e do positivismo vigentes nos séculos XIX e XX, de como a ciência estava caminhando. Método que sai do empirismo para a transcendentalidade. Mas também é uma teoria complexa, principalmente, por sua característica de subjetivação empregada às experiências.

Assim, vale destacar que as teorias husserlianas possuem palavras singulares, de expressivo engrandecimento para a pesquisa e, assim, para a construção do conhecimento, como idealismo, empirismo, fenômeno, essência, transcendentalidade, consciência de, redução fenomenológica, redução eidética, sujeito e objeto, que à época podem não ter tido muito impacto no meio acadêmico, mas com o tempo foi sendo redescoberta, admirada e utilizada no mundo todo. Ainda mais, Husserl, na obra *A crise da humanidade europeia*, aliás, uma conferência proferida por ele, traz à tona o conceito de “mundo da vida”, o *lebensumwelt*, conceito importante para se entender o homem e o mundo que o circunda:

O investigador da natureza não se dá conta de que o fundamento permanente de seu trabalho mental, subjetivo, é o mundo circundante (*Lebensumwelt*) vital, que constantemente é pressuposto como base, como terreno da atividade, sobre o qual suas perguntas e seus métodos de pensar adquirem um sentido. (HÜSSERL, 2002, p. 90).

Assim, vê-se que as contribuições de Husserl vão além do viés científico, do suporte ao pesquisador, mas aborda o homem em sua essência, atribuindo importância aos processos cognitivos envolvidos, que dão corpo à subjetividade e que, de forma alguma, o pesquisador se abstém na hora de pensar o seu fazer na pesquisa.

CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER PARA A FENOMENOLOGIA

Martin Heidegger (1898 – 1976) foi um filósofo alemão que se dedicou ao estudo da filosofia, metafísica, hermenêutica e linguagem, dentre outros interesses. Foi assistente de Husserl, e chegou a sucedê-lo na cátedra de filosofia, na faculdade em que lecionavam. Husserl acreditava que Heidegger seria seu sucessor na perpetuação das ideias sobre fenomenologia, mas se decepcionou e acabaram rompendo.

Apesar desse rompimento, é inegável que Heidegger tenha sido influenciado pelo professor, pois como o mesmo afirmava, era um fenomenologista. No entanto, um fenomenologista existencialista, pois acreditava que o foco não podia estar apenas nas

“coisas mesmas”, na essência e na transcendentalidade. Mas que também importava o ser e sua existência, o ser-no-mundo e seus *a priori*'s: o *dasein* e o *mit-dasein*.

A produção que marcou sua caminhada no existencialismo e na fenomenologia, mas também na hermenêutica, foi *Ser e Tempo*, divulgada em 1927. Esta foi o estopim para o rompimento total com Husserl, pois o mesmo discordou das ideias apresentadas na obra.

Para Cesar Luis Seibt (2012), uma das discordâncias que Heidegger apresentava em relação às ideias de Husserl era quanto à suspensão “*a priori*”.

Heidegger entende que essa suspensão do mundo está relacionada ao modelo metafísico, a Descartes e Kant e, por isso, critica Husserl. Para ele não é possível suspender o mundo, para depois reencontrá-lo. Não é possível colocar entre parênteses o mundo, pois com isso, perde-se a possibilidade de qualquer acesso a algo. Colocar entre parênteses o mundo é colocar entre parênteses a possibilidade de experimentar algo, ou seja, impossibilitar que algo seja. (SEIBT, 2012, p. 83).

Heidegger polemiza com a academia ao propor uma filosofia como ciência originária, onde a filosofia tradicional tinha o espaço, como uma filosofia teórica e reflexiva. Em sua proposta, aponta que é preciso voltar à pré-teoria, como esclarece Seibt na mesma obra:

O mundo-vida não pode ser acessado teoricamente, mas o teórico predomina na interpretação da realidade. O teórico antecede o fato e o objetifica, enquanto que o pré-teórico é compreensivo e não-reflexivo, abrindo mais possibilidades para a compreensão do fenômeno emergente. O pré-teórico terá de ser acessado por um método também não-teórico. (SEIBT, 2012, p. 87-88).

E daí entra em cena a hermenêutica como método de interpretação.

Porque não uma Fenomenologia-Hermenêutica?

A palavra “hermenêutica” tem a mesma origem da palavra “interpretação”. Apesar de pouca popularidade, a hermenêutica está em todos nós, todos os dias e em todos os cantos, em seu sentido generalista. Já para a ciência, a significação vai além. Segundo Gadamer (2002), a Hermenêutica se trata de uma teoria filosófica que tem como pressuposto que todas as situações de compreensão, envolvem interpretação e a própria aplicação.

Vários são os conceitos inseridos por Heidegger para a elaboração da teoria fenomenológica-hermenêutica. Cita-se compreensão, *Dasein*, ontologia, facticidade, historicidade, desconstrução. Para a compreensão da hermenêutica na fenomenologia, proposta e defendida por Heidegger, é preciso chegar à diferenciação da visão compreensiva da hermenêutica contraposta à visão reflexiva da filosofia tradicional. Essa diferenciação se concretiza, segundo Seibt (2012, p. 89), “quando se dá a saída da vivência em seu realizar-se e efetivar-se, na direção em se que toma a vivência como um objeto reflexivo”.

Husserl (2002) quando propõe a fenomenologia reflexiva, volta a atenção à consciência de que as coisas são, focando no fenômeno em si de forma metódica e rigorosa, acreditando que sem os a priori é possível chegar à verdade do ser. Esta ideia da fenomenologia vai mudar quando a hermenêutica aponta que é preciso compreender, interpretar este ser-no-mundo, um ser que possui uma história, um ser que sofre influências do meio.

Para Heidegger, a linguagem, a compreensão e a interpretação eram indispensáveis para a aproximação de um determinado fenômeno. Contrária ao que pregava a fenomenologia reflexiva, teórica, generalista e controladora de Husserl, a fenomenologia hermenêutica traz um outro olhar a este ser, considerando o mesmo como um todo, dono de si, de suas experiências e relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Da mesma forma, compreende Júnior (2005, p. 9):

A ideia hermenêutica circunscreve o horizonte do pensamento contemporâneo determinando-se em duas direções fundamentais. Por um lado, ela traduz um investimento de reflexão no universo da interpretação decorrente seja de uma atividade cognitiva, seja de uma atividade prática; por outro, remete-nos a compreender a linguagem como um modo privilegiado dessa nossa tarefa interpretante e enquanto atividade na qual nos determinamos como seres no mundo. A linguagem de modo algum pode estar dissociada da universalidade de nosso horizonte interpretativo, por ser ela que articula nossa humanidade ao espaço da interpretação e compreensão dos fenômenos e acontecimentos. (JÚNIOR, 2005, p. 9).

O pesquisador fenomenologista-hermenêutico tem consciência de que os fenômenos são expressos pela linguagem, da compreensão desta e das entrelinhas. Também tem consciência de que a consciência de algo é a sua consciência de algo e não o algo em si, em sua essência: “toda consciência é consciência de alguma coisa”, escreve Husserl em *A ideia da fenomenologia* (1989). Este pensamento traz grandes

possibilidades de interpretação acerca das teorias do conhecimento, libertando a ciência de um enclausuramento epistemológico.

Quando o pesquisador se abre para o significado que emerge na aproximação com o fenômeno, fundamenta-se na compreensão e interpretação. Surge aí a importância da hermenêutica em sua articulação com o método fenomenológico. A hermenêutica, em sua origem, carrega como referência a palavra grega *hermeios* que parece se referir ao Deus mensageiro Alado. (FRANCO e SZYMANSKI, 2010).

A hermenêutica contribuindo junto à fenomenologia será o método que, munido de instrumentos, dará conta de realizar a leitura do fenômeno em educação. Vale destacar que não é uma regra ou a única opção de método, mas é um meio pelo qual o pesquisador poderá chegar à essência sem perder de vista o fenômeno e tudo que o acompanha. O método fenomenológico hermenêutico traz a visão não apenas em relação ao objeto de estudo, mas também dá conta do caminho, do instrumento, da análise dos dados e do próprio pesquisador.

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO EM EDUCAÇÃO

A Educação é uma ciência muito complexa, pois é composta por várias outras áreas do saber. O contrário do que o método cartesiano apontava, a fragmentação dos saberes para a compreensão ou da influência do positivismo, do empirismo, do inatismo e outras correntes teóricas, hoje se pensa em uma totalidade que leve à integração do conhecimento.

Esta existe desde que o homem passa a organizar seus pensamentos, gerando conhecimento e interferindo no meio. E acredita-se que seja este o objetivo da educação, a organização sistemática de conhecimentos, que envolve ensino e aprendizado, e um mundo de temáticas, reflexões, metodologias a serem exploradas.

Para a manutenção de uma ciência, como a educação, os estudos em caráter científico têm que sustentar, manter. Para tanto, as pesquisas são realizadas e buscam refutar as ideias existentes ou mesmo inovar a realidade através de um arcabouço teórico, métodos de pesquisas, metodologias e procedimentos que melhor atendam aos objetivos propostos para o estudo.

Os estudos irão iniciar a partir de um problema de pesquisa, aquele que aponta a necessidade de se realizar uma investigação. E caso este não esteja claro, certamente o estudo apresentará uma lacuna percebida pelo tanto pelo pesquisador como pelo leitor, além, de interferir nos resultados, colocando em risco sua confiabilidade, validade e generalizabilidade.

Tendo claro o problema, a delimitação da temática, os objetivos, as questões norteadoras e as hipóteses, estará na hora de pensar no alicerce teórico que fundamentará tanto a discussão acerca do problema, como em desenvolver a pesquisa, a base epistemológica para a obtenção de dados e a compreensão destes.

O método utilizado é o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, e este deve ser planejado minuciosamente, inclusive quanto ao tempo, espaço, instrumentos a serem utilizados etc. Se o método escolhido não for apropriado para a pesquisa ou se não for adequadamente trabalhado, os resultados podem ser desastrosos. Não há como chegar a lugar algum se não for através de um caminho.

Podemos destacar como abordagens metodológicas a qualitativa, quantitativa e mista, que Creswell descreve resumidamente da seguinte forma:

Abordagem quantitativa – Concepção pós-positivista, estratégia de investigação experimental e avaliações pré e pós-teste das atitudes.
Abordagem quantitativa – concepção construtivista, modelo etnográfico e observação do comportamento. [...] Concepção participativa, modelo narrativo e entrevista aberta.
Abordagem de métodos mistos – Concepção pragmática, coleta sequencial de dados quantitativos e qualitativos. (CRESWELL, 2010, p. 41).

Apesar de ser de extrema relevância a discussão de todos os métodos para a real compreensão de um, este estudo destacará apenas a abordagem qualitativa, que tem a corrente fenomenológica, objeto proposto neste estudo.

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a investigação qualitativa é a mais empregada em pesquisas da educação. Este fato se deve pelas características deste tipo de investigação que atendem às demandas desta área da ciência. Listemos algumas:

- Ambiente natural – Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou o problema que está sendo estudado. [...] informações coletadas por meio da conversa direta com as pessoas e da

observação de como elas se comportam e agem dentro de seu contexto é uma característica importante da pesquisa qualitativa.

- O pesquisador como um instrumento fundamental – Os pesquisadores qualitativos coletam pessoalmente os dados por meio de exame de documentos, de observação do comportamento ou de entrevista com os participantes.
- Múltiplas fontes de dados – [...] entrevistas, observações e documentos, em vez de confiarem em uma única fonte de dados, extraem sentido deles e os organizam em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados. Depois os pesquisadores examinam todos os dados, extraem sentido deles e os organizam em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados.
- Análise de dados indutiva – Os pesquisadores qualitativos criam seus próprios padrões, categorias e temas de baixo para cima, organizando os dados em unidades de informação cada vez mais abstratas.
[...]
- Interpretativo – A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, história, contextos e entendimentos anteriores.
[...] (CRESWELL, 2010, p. 208).

É possível perceber que a abordagem qualitativa tem grande foco na compreensão de determinado fenômeno, que envolve consciência do outro e de si, em um movimento de fenômenos, fatos, compreensões e considerações interpretativas. Ao adotar a postura indutiva, interpretativa em um campo natural para a coleta de dados, estamos falando de visão do ser-no-mundo, e não do ser enquanto ser, daí uma exemplificação da diferenciação da teoria fenomenológica explicativa para a compreensiva, abordadas no tópico anterior. Essa visão de ser-no-mundo nos aponta à busca de uma unidade, composta por partes, vista holisticamente e transcendentalmente. No entanto, é salutar destacar que estamos aqui a realizar uma interpretação de várias teorias filosóficas e não apontando verdades.

Não há como em uma pesquisa sobre a educação deixar de lado variáveis como as experiências, a interação, a subjetividade do ser humano e das relações destes, o meio. E a pesquisa qualitativa fenomenológica pode contribuir para atender a estas especificidades. Creswell ainda contribui apontando o seguinte conceito para a pesquisa fenomenológica:

É uma estratégia de investigação em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno, descritas pelos participantes. O entendimento das experiências vividas

distingue a fenomenologia como uma filosofia e também como um método, e o procedimento envolve o estudo de um pequeno número de indivíduos por meio de um engajamento extensivo e prolongado para desenvolver padrões e relações significativas (Moustakas, 1994). Nesse processo, o pesquisador inclui ou põe de lado suas próprias experiências para entender aquelas dos participantes do estudo (Nieswiadomy, 1993). (Apud CRESWELL, 2010, p. 38).

Bogdan e Biklen (1994) também nos chamam a atenção para a reflexão sobre o “ponto de vista”, pois sendo a fenomenologia uma compreensão do fenômeno, esta compreensão é fruto da consciência do observador acerca do fenômeno manifestado e influenciado pelo mundo ao seu redor. Assim, até que ponto saberemos se a verdade observada sobre um fenômeno é uma verdade do observador ou a realidade daquele objeto? “A realidade só se dá a conhecer aos humanos da forma como é percebida.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fenomenologia de Husserl como fundamentação metodológica nos ampara profundamente quanto a conteúdos e reflexões voltados para seu emprego em pesquisas da educação. Esta teoria filosófica, que também é psicológica e educacional tem uma história, um caminho que a enriqueceu, contribuiu e ainda contribui grandemente para o desenvolvimento de pesquisas, na produção de ciência, e para a aplicabilidade na realidade vivenciada.

Da mesma forma, ímpar é a contribuição de Heidegger quando abordou a hermenêutica, a aproximando da fenomenologia, possibilitando assim um olhar mais compreensivo dos fenômenos, a tornando um método de interpretação, pois para o filósofo a linguagem e a compreensão eram fundamentais para desnudar determinado fenômeno.

Daí surge a fenomenologia-hermenêutica, com a junção dos pontos convergentes destas duas grandes correntes, e mesmo sendo contrária ao que pregava a fenomenologia reflexiva, mais teórica e generalista, além de controladora de Husserl, a fenomenologia-hermenêutica proposta por Heidegger traz um outro olhar ao ser, considerando-o como um todo, dono de si, de suas experiências e relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo, é uma nova visão que também se aplica ao pesquisador, enquanto sujeito parte do processo.

A educação requer todo cuidado e atenção. Com o passar dos séculos, muitas foram as tentativas de encontrar uma teoria que melhor trabalhasse suas problemáticas, mas não se pode negar que várias foram as contribuições em cada tempo para que hoje pudéssemos estar aqui em uma reflexão sobre a teoria de base para o método de pesquisa qualitativa, tipo de pesquisa muito utilizado na área da educação.

Assim, este artigo objetivou apresentar a fenomenologia e a hermenêutica, de forma breve, a fim de suscitar estudos mais aprofundados da sua aplicabilidade nas pesquisas científicas, em especial em educação. Desta forma, espera-se que mais estudos sobre a eficácia e eficiência dos métodos existentes hoje possam ser realizados para que possamos aprimorar cada vez mais o campo da pesquisa em educação. As próprias teorias de Husserl e Heidegger nem de longe se restringem ao que aqui foi exposto, tendo em vista que apenas a ponta do *iceberg* foi mostrada, e vale o desejo de compreendê-las.

Discutir sobre fenomenologia, hermenêutica, compreensão, transcendentalidade, essência, ser-no-mundo, consciência, suspensão *à priori* dentre outros, pode ser muito denso, porém muito enriquecedor, pois nos leva a reflexões que vão além da ciência e da educação, falam de vida, de existência, de significados. E isto, com certeza, é um aprendizado para a vida.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FRANCO, Fernanda Santini. SZYMANSKI, Heloisa. **O Método Fenomenológico-Hermenêutico na investigação de práticas educativas parentais**. Anais IV SIPEQ – ISBN – 978-85-98623-04-7. 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 2002b.
- GALEFFI, Dante Augusto. **O que é isto — a Fenomenologia de Husserl?** Ideação. Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

_____. **A idéia da fenomenologia.** Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 1989.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica:** introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea).

JÚNIOR, Almir Ferreira da Silva. **Estética e Hermenêutica:** a arte como declaração de verdade em Gadamer. Tese (Doutorado do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo: 2005.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. 9.ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da Fenomenologia ‘Reflexiva’ à Fenomenologia Hermenêutica. **Princípios: Revista de Filosofia.** Natal (RN), v. 19, n. 31. Janeiro/Junho de 2012, p. 79-98. E-ISSN 1983-2109.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XIII(2): 216-221, jul-dez, 2007.

Recebido em: 15/02/2022

Aprovado em: 12/03/2022

Publicado em: 16/03/2022